

Barreiras no caminho do tradutor: como lidar com elas?

Maria Aparecida Cardoso Santos

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

cardoso.aparecida@gmail.com

Renan Isse

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

renanisse18@gmail.com

RESUMO: A tradução é um processo milenar. Desde a antiguidade, homens e mulheres traduzem textos, sejam eles orais ou escritos. A tradução, enquanto processo, consiste na transposição de um texto de uma dada língua de partida para uma determinada língua de chegada. Apesar de tantos anos de tradução, ainda há o que se falar sobre o texto traduzido e a tradução. A tradução precisou buscar seu lugar nos estudos acadêmicos para se desvencilhar de áreas afins que pudessem englobá-la, como a linguística. Dessa forma, criou-se a Teoria da tradução enquanto suporte teórico para analisar algumas situações e ajudar a atribuir à disciplina a devida autonomia que ela merece. Quando saímos do campo teórico e nos direcionamos à tradução enquanto prática, no entanto, a recepção é outra. Até que ponto o senso comum é capaz de interferir e prejudicar a prática tradutória? O presente artigo busca discutir alguns tópicos importantes referentes ao processo de tradução, além de desenvolver uma reflexão sobre o nosso comportamento, enquanto (futuros) tradutores.

Palavras-chave: Senso comum. Tradutor. Tradução. Dificuldades.

ABSTRACT: La traduzione è un processo millenare. Dai primmi anni, uomini e donne traducono testi, siano loro orali o scritti. La traduzione come processo consiste nella trasformazione da un testo di una lingua di partenza all'un testo in una lingua di arrivo. Nonostante tanti anni di traduzione, c'è ancora cosa da parlare sul testo tradotto e sulla traduzione. La traduzione dovette cercare il suo posto negli studi accademici per disimpegnarsi di aree simile che potreberro includerla, come la linguistica. In questo modo, la Teoria della traduzione è stata creata come sopporte teorico per analizzare alcune situazioni e aiutare ad attribuire alla disciplina l'autonomia che merita. Quando usciamo dal campo teorico e andiamo alla traduzione come pratica, però, la ricezione è diversa. Fino dove il senso comune può interferire e giudicare la pratica della traduzione? Quest'articolo cerca discutere alcuni topici importanti in riguardo allo processo della traduzione, oltre a fornire una riflessione sul nostro comportamento, come (futuri) traduttori.

Parole chiave: Senso commune. Traduttore. Traduzione. Difficoltà.

ABSTRACT: Translation is a millenary process. Since the beginning of humankind, men and women have been translating texts, whether they are oral or written documents. Translation, as a process, consists in the passage of a text in a given departure language to a specific target language. Despite so many years translating, there is still what to mention about translated texts and translation itself. Translation has had to look for its place in academic studies in order to separate itself from other areas that could comprise it, such as linguistics. This way, Theory of translation has been created as a theoretical aid, so as to analyse a few situations and help give the subject the autonomy it deserves. When we leave the theoretical realm and move to practical aspects of translation, however, the reception is not the same. To what end can the common sense interfere and pre-judge the act of translating? This essay tries to discuss some important topics in regards to translation, and also to develop a reflection on our behaviour as (soon-to-be) translators.

Keywords: Common sense. Translator. Translation. Difficulties.

I. Introdução

Em uma conferência dada ao departamento de Letras da Universidade Federal do Paraná, Paulo Rónai, consagrado tradutor literário e autor de livros sobre tradução, fala sobre certas armadilhas que podem ser encontradas no caminho do tradutor desatento. No início de sua fala, ele toma uso de um adágio grego para metaforizar sobre o trabalho do tradutor: “Lembra-te de desconfiar” (RÓNAI, 1985, p.186). Afinal, em um mundo cada vez mais globalizado, a crescente de textos científicos em língua estrangeira é cada vez maior, logo, à mesma proporção cresce o interesse de convertê-lo a outras línguas, e, conseqüentemente, o número de tradutores aumenta consideravelmente.

Com o advento do romance como gênero literário dominante, houve a necessidade de traduzir as principais obras de autores estrangeiros. A França, como o apogeu literário-cultural daquela época, foi pioneira na tradução dos romances da língua de Tolstoi, Sacher-Masoch, entre outros importantes

autores. Retrato disso é que até alguns anos atrás, as traduções das obras-primas desses autores citados vinham não do original, mas do francês.

Fato é que a tradução das obras foi capaz de alçar a França a uma posição deveras alta na literatura mundial, mas e o tradutor? À época, era muito comum cada autor ter apenas um tradutor respectivo em cada país, e esse papel era muitas das vezes desenvolvido por outros autores que eram capazes de traduzir os escritores estrangeiros. Paulo Rónai (1968, p. 33) diz que

São muito frequentes entre nós as traduções indiretas, quer dizer, feitas por intermédio de uma terceira língua. Deve-se este fenômeno à quase inexistência de uma classe de tradutores. As obras-primas da literatura mundial são vertidas, geralmente, não por tradutores de profissão, mas por escritores de renome, os quais, se muitas vezes possuem amplos conhecimentos de francês, inglês e espanhol, não têm o tempo e o interesse necessários para se dedicarem ao estudo de outros idiomas de grande expressão cultural, como o russo, o alemão, as línguas escandinavas etc.

Em um mundo cuja integração era irrisória comparável com a dos dias atuais, entende-se o baixo número de tradutores profissionalizados, que tinham essa tarefa como sua única fonte de renda. A globalização, fenômeno que integrou mais de 200 países com uma facilidade enorme, contribuiu consideravelmente para a tradução de textos dos mais diversos assuntos, gêneros e finalidades possíveis. Ressalte-se que apesar de a tradução ser uma prática milenar – as primeiras traduções datam de mais de dois mil anos atrás – a quantidade de tradutores tornou-se numericamente maior com a integração entre os países.

Traduzir significa enriquecer. Não apenas a cultura do povo que agora pode ler as obras estrangeiras, mas enriquecer o vocabulário da língua para a qual esses textos foram traduzidos. Schleiermacher, um filósofo e teórico da tradução alemão, conta que os franceses tendiam a domesticar a literatura, conseqüentemente acrescentando ao seu vocabulário certas palavras da obra de partida, de modo que o léxico estrangeiro fosse adaptado para ser melhor encaixado na língua francesa.

Michaël Oustinoff (2011), em *Tradução. História, teoria e métodos*, propõe uma reflexão válida acerca do processo da tradução como prática social. No seu ponto de vista, o

acesso às novas tecnologias, que nos faz entrar em contato com as mais diversas línguas, a tradução não apenas se amplia, como se diversifica, para assumir novas formas que é imprescindível levar em consideração, seja no âmbito do especialista, seja no do leigo.

Não obstante, os mecanismos da tradução permanecem desconhecidos, especialmente porque se acha que a tradução está reservada exclusivamente aos especialistas. Mas na realidade, seu campo é muito mais vasto: antes de se transformar em um assunto para tradutores ou intérpretes, ela constitui, em seu próprio princípio, uma operação fundamental da linguagem.

Partindo disso, nos tornaremos mais capazes até mesmo de entender suas diferentes manifestações, sejam elas escritas (tradução literária, tradução jornalística, tradução técnica), ou orais (tradução consecutiva ou simultânea, feita por intérpretes) (OUSTINOFF, 2011, p.7).

II. Desenvolvimento

O que caracteriza um bom tradutor? A quais pré-requisitos alguém interessado em tradução deve atender a fim de tornar-se um bom profissional? Em primeiro lugar é necessário definir o que significa a palavra “traduzir”. Segundo os dicionários de língua portuguesa, basicamente o verbo traduzir tem como significado transpor um texto de uma língua para outra. À língua original chamamos língua de partida, enquanto a língua para a qual o texto foi traduzido é chamada de língua de chegada.

Muito se diz que para ser um bom tradutor basta o candidato em questão saber as duas línguas. Isso, no entanto, não é o suficiente. Tomando como partida a língua como representação de um povo, há uma particularidade subjacente: a cultura. Apesar de Brasil e Portugal usarem o mesmo idioma, há certas palavras que não soam bem se transferidas de um país para o outro. Se chamarmos uma menina de rapariga, na frente dos pais dela, estaremos cometendo uma total falta de respeito no Brasil, do mesmo modo que se

dissermos, em Portugal, que tal mulher é uma rapariga, querendo dizer que ela é uma prostituta, essa informação será perdida.

O questionamento, no entanto, fica presente: é necessário apenas dominar as línguas de chegada e de partida para considerar-se tradutor? Paulo Henriques Britto, professor das disciplinas de tradução da PUC-RJ, teórico da tradução e tradutor de literaturas de língua inglesa, defende que saber bem o idioma estrangeiro e o nativo é uma condição importante para a tradução, mas não é a única e tampouco é suficiente para dar conta do processo tradutório.

Paulo Rónai diz que há pessoas que jamais podem tornar-se tradutoras. Para ele, sempre haverá pessoas cegas em matéria de tradução. Esse tipo de pessoa é “indiferente aos requintes da própria língua, que não procura normalmente a melhor maneira de se exprimir” (RÓNAI, 1985, p.186). Portanto, Rónai segue o mesmo ponto de vista que Britto e Oustinoff defendem: não basta apenas dominar as duas (ou mais) línguas envolvidas no processo; o tradutor deve ser sensível às sutilezas da prática.

Entre as habilidades necessárias para um tradutor, além do conhecimento das línguas, o tradutor deve dominá-las lexical e gramaticalmente, sobretudo.

Em matéria gramatical, o candidato a tradutor deverá trazer na ponta da língua todas as formas irregulares de conjugação e todas as flexões insólitas da declinação, tanto mais porque elas nem sempre vêm registradas na ordem alfabética dos dicionários. Saberá distinguir as formas arcaicas das modernas, as gíriescas das comuns, as faladas das escritas. Terá consciência especialmente aguda dos fenômenos que não existem em sua própria língua. (RÓNAI, 1985, p. 187).

Já em matéria lexical, Rónai (1985) nos apresenta como armadilhas, ou, em suas próprias palavras “casca de banana”, aspectos fundamentais e existentes em todas as línguas naturais. Ele menciona polissemia, sinônimos, homônimos, homógrafos, homófonos, parônimos e cognatos. Frente a todas essas armadilhas, qual deve ser o *modus operandi* a ser adotado pelo tradutor?

Segundo Rónai, “o sentido da palavra não é contido apenas nela própria, mas lhe vem das palavras que a rodeiam” (RÓNAI, 1985, p.188). Tal frase não

deveria surpreender os tradutores, mas infelizmente há quem pense que a tradução é um processo maquinal e que futuramente será feito por computadores e *softwares*. Quando um tradutor se depara com uma palavra polissêmica, ele deve buscar no contexto qual é o significado dela para logo após pensar na melhor palavra para usar no texto traduzido.

Ressalte-se que no processo de tradução, o sinônimo nem sempre é a palavra mais adequada para usar, visto que “mãe” e “progenitora” não pertencem ao mesmo campo semântico, apesar de ambas designarem a pessoa que deu à luz a alguém. Deve-se procurar pelo termo equivalente ou correspondente. Apesar de haver diferenças mínimas entre os termos, se os cotejarmos com o termo “sinônimo”, ficar-nos-á claro que se pretere o último por serem os primeiros mais fiéis ao campo semântico, ao eixo paradigmático da língua.

Edvaldo Belizário, especialista em tradução e professor de italiano da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, apresenta a metáfora e as expressões metafóricas como outra grande armadilha com a qual o tradutor pode se deparar em seu percurso. Pensamento esse que é compartilhado por Paulo Rónai, que diz que no caso das línguas naturais sempre haverá a tendência para metaforizar o pensamento. Ele chama atenção que “a dificuldade começa quando a expressão metafórfica [sic] passa a fazer parte estereotipada da língua” (RÓNAI, 1985, p.189).

O falante que começa a usar metáforas em seu discurso muitas vezes não faz a menor ideia do motivo pelo qual está usando-as. Sabe-se que certas metáforas são feitas por meio de acontecimentos históricos, ao passo que outras podem ser reconstituídas através de eventos cotidianos, entretanto, o tradutor que não reconhecer que está frente a uma metáfora fossilizada na língua de partida como um ditado popular ou uma expressão idiomática cometerá o mais terrível dos erros se decidir pela sua tradução literal.

Outro fator complicador do processo de tradução é a busca pela fidelidade extrema ao texto de partida. Há certas situações em que o tradutor precisa ter um leque muito vasto de alternativas para poder dar conta de algumas situações que aparecem no seu caminho.

O linguista e semiólogo russo Roman Jakobson defende que “ogni esperienza conoscitiva può essere espressa e classificata in qualsiasi lingua esistente” (JAKOBSON, 1959, p. 56). Tomando a ideia dele como elemento norteador, ele enfatiza que não há possibilidade de intraduzibilidade, a exceção de casos em que o texto de partida esteja mal escrito, com erros gramaticais, estilo truncado, terminologia inadequada, caso apresente características de textos poéticos, a citar ambiguidade, jogos de palavras, efeitos fônicos, ou finalmente quando o texto é redigido sem levar em consideração seu caráter multilíngue. (SCARPA, 2008).

Quando Jakobson defende a posição mencionada acima, em outras palavras ele diz que toda língua pode ser traduzida. O russo diz que

Se alcuni processi grammaticali mancano nella lingua in cui si traduce, ciò non rende mai impossibile la trasposizione letterale, nella sua totalità, dell'informazione concettuale contenuta nell'originale. [...] Se una determinata categoria grammaticale non esiste in una lingua, il suo senso può esprimersi col sussidio di mezzi lessicali (JAKOBSON, 1956, p. 56-57).

Um exemplo claro do uso dessa característica das línguas é explicado pelos empréstimos linguísticos. A língua russa, quando precisa expressar alguma palavra do âmbito da tecnologia e/ou da computação, recorre ao vocábulo em inglês. O português aceitou várias palavras inglesas em seu léxico, porém, só as considerou como integrante do seu vocabulário a partir do momento em que as dicionarizou. Palavras como *surf*, *hot dog*, *hamburger* e *mouse*, por exemplo, só passaram a ser reconhecidas como palavras de língua portuguesa quando foram transformadas em surfe, cachorro quente, hambúrguer e mause, respectivamente.

Há situações em que o domínio textual está ligado fortemente à cultura do país e da língua, descrevendo palavras que não possuem tradução. Quando alguém traduz um texto, essa pessoa se propõe a buscar na língua alvo um equivalente para uma palavra (ou sintagma) da língua fonte. O equivalente é um termo em uma língua que possui a mesma unidade semântica (semema) expressa por uma palavra ou sintagma em outra língua. Não necessariamente é um sinônimo, haja vista o uso bem específico que algumas palavras possuem e o fato de elas não serem perfeitamente intercambiáveis.

Britto (2012) inclusive se afasta do conceito de equivalência, substituindo-o pelo de correspondência, a que inclusive prefere. De fato, se recorrermos ao étimo de ambas as palavras, teremos equivalência como “valor igual” e correspondência como “mesma relação”. Ora, se sabemos que “traduzir não é uma operação realizada sobre sentenças, estruturas linguísticas, mas sobre textos” (BRITTO, 2012, p. 19), usemos, portanto, um termo que fuja do campo lexical e encontre-se no campo semântico, tal como o trabalho do tradutor.

A posição de Britto sobre a tradução levar o contexto em consideração encontra eco nas palavras de Rosemary Arrojo. A autora define o processo de tradução como transferência e substituição da mensagem contida no texto original para uma mensagem análoga na língua de destino. Ela parte da metáfora de que a tradução de uma frase se assemelha ao transporte de cargas dentro de um vagão. Na opinião de Arrojo, vê-se que

a carga pode ser distribuída entre os diferentes vagões de forma irregular. Assim, um vagão poderá conter muita carga, enquanto outro poderá carregar muito pouca; em outras ocasiões, uma carga muito grande tem que ser dividida entre vários vagões. De maneira semelhante, sugere Nida, algumas palavras ‘carregam’ vários conceitos e outras têm que se juntar para conter apenas um. Da mesma maneira que o que importa no transporte da carga não é quais vagões carregam quais cargas, nem a sequência em que os vagões estão dispostos, mas sim que todos os volumes alcancem seu destino, o fundamental no processo de tradução é que todos os componentes significativos do original alcancem a língua-alvo, de tal forma que possam ser usados pelos receptores (1992, p. 12).

Para manter-se fiel ao texto de partida, no entanto, algumas precauções devem ser tomadas. No que diz respeito à tradução literária, por exemplo, algumas considerações precisam ser feitas.

Scarpa (2008, p. 85) diz que “Il testo di arrivo può – e spesso deve – mantenere tracce dello stile dell’autore del testo di partenza” (SCARPA, 2008, p. 85). Essa posição é defendida por Britto. Ele afirma os posicionamentos da autora quando reforça o fato de um original permitir múltiplas leituras possíveis, e, também, quando afirma que as línguas envolvidas no processo tradutório são tão distintas entre si a ponto de às vezes não permitirem uma equivalência ideal dos termos.

Quando Britto (2012) recorre a Roman Jakobson para definir que o texto literário apresenta predominantemente a função poética, não necessariamente exclui as outras. Nas palavras do autor, o texto literário é “[...] aquele em que a ênfase recai no próprio texto [...] tem a si próprio como principal razão de ser” (BRITTO, 2012, p. 59), ou seja, é um objeto sobretudo estético.

Com esse pano de fundo apresentado, podemos nos debruçar sobre a tradução literária e defini-la como “a tradução que visa a recriar em outro idioma um texto literário de tal modo que sua literariedade seja, na medida do possível, preservada” (BRITTO, 2012, p. 47). Vale frisar que devemos manter certas características pertencentes ao original na tradução, a citar efeitos estéticos. Quando traduzimos uma poesia, devemos respeitar a diagramação de palavras de acordo com o espaço físico, a sonoridade, métrica, sílabas tônicas, entre outras eventuais particularidades. Agora, se trabalhamos com um texto que provoque riso no original, o efeito deverá ser mantido na tradução; se o texto representa o linguajar das sociedades marginais na língua de origem, o uso da língua na tradução deverá ser marginal também.

Não apenas esses efeitos de cunho predominantemente estilístico deverão ser mantidos. Se a obra original tem um ar sombrio, a tradução deverá ser tão

sombria quanto o documento na língua fonte – nem mais nem menos. Caso o nicho leitor da língua fonte sinta um estranhamento com o texto original, os leitores da língua alvo deverão sentir a mesma estranheza. Isso vale para textos considerados de difícil ou fácil leitura: o padrão deverá ser fielmente mantido.

Britto prega que o tradutor literário não pode se dar ao luxo de simplificar passagens ou solucionar ambiguidades. Além de se preocupar com a mensagem que está sendo veiculada no original, também deve se ater a elementos de função estilística do autor: sintaxe, vocabulário, formalidade, entre outros. Não apenas o tradutor literário deve (re)criar o texto na língua alvo, mas também o estilo do autor, o efeito estético que o texto suscita.

No que diz respeito aos elementos mencionados acima, mesmo que eles causem estranheza ao leitor, deverão ser mantidos. Quando se traduz um autor cuja construção sintática é complexa, deve-se buscar reconstruir esse aspecto na língua fonte da melhor maneira possível, levando em consideração diferenças em todos os níveis das línguas.

Para ele, há graus de fidelidade que o tradutor deve manter. Em diversas passagens, ele menciona que o tradutor de uma obra literária estrangeira deve nos propiciar a mesma sensação de leitura que os seus leitores têm ao ler o original. Devido ao fato de as línguas envolvidas no processo de tradução serem distintas entre si, em algum momento algo será perdido na transposição de uma língua para a outra. Britto nos diz que “na impossibilidade de recriar na sua tradução todos os elementos do original, cabe ao tradutor hierarquizá-los e escolher quais deles deverão ser privilegiados” (BRITTO, 2012, p. 37).

No caso de palavras estritamente pertencentes à cultura da língua estrangeira em questão, conseqüentemente impossíveis de serem recriadas para nós, ele diz que elas são intraduzíveis e que, no máximo, poderemos explicar seu significado, seja por notas de rodapé mantendo a palavra no original, ou recriando a passagem completamente. A recriação, como já foi mencionada

acima, esbarra na concisão e no caráter prolixo da tradução, em contraste com o original.

A citar *A vénus das peles* de Sacher-Masoch como exemplo de hierarquização, foi mantida a palavra original *kazabaika* que designa o casaco de peles que sua personagem utiliza. Se traduzíssemos apenas a palavra para “casaco”, uma palavra de uso mais indiscriminado e atual ou “capote”, para se aproximar do uso vocabular dos romances do século XIX, reduziríamos o efeito estético que a mulher de *kazabaika* causa no personagem. Em decorrência de um trauma de infância que ele sofrera por uma mulher usando a tal *kazabaika*, nota-se a importância que essa peça de roupa tem na obra, portanto não poderíamos traduzi-la por seu equivalente mais genérico. Vale a pena citar que tamanha é sua importância na obra que a tradução em português europeu do título do livro é *Vénus de Kazabaika*.

Ao fim, Britto ressalta que a escolha dos elementos para hierarquizar recai numa avaliação tão subjetiva quanto todo o processo de tradução, a tal ponto que dois tradutores distintos elencariam elementos divergentes na sua hierarquia de fidelidade. O autor enfatiza que “o fato de que duas traduções de um texto jamais são idênticas não constitui um argumento contra a meta de fidelidade, e sim apenas contra a possibilidade de se atingir uma fidelidade absoluta” (BRITTO, 2012, p. 37).

Há também uma consequência no que diz respeito à deturpação do conceito de fidelidade. Se o tradutor opta por traduzir o texto sem o contexto, ele se fideliza à obra, mas é capaz de perder ideias que poderiam desfazer alguma ambiguidade ou mal-entendido. Caso ele opte por traduzir uma passagem de Saramago em inglês e marcar o diálogo entre os personagens do mesmo modo que acontece na maioria esmagadora dos livros, ele se distancia do estilo do autor, mesmo que porventura consiga recriar todos os ditos populares, todo o

comportamento do povo português, em suma, todas as particularidades textuais que Saramago usa na língua inglesa.

Quando se traduz um texto literário, é sabido que se deve dar atenção ao estilo do autor, abrangendo os domínios lexical, sintático e semântico. José Saramago, por exemplo, marca os diálogos separando as falas dos personagens por vírgulas e letra maiúscula no começo da fala, e abole quaisquer sinais de pontuação que não sejam o ponto e a vírgula. Isso advém de uma busca para se assemelhar ao estilo usado pelos antigos contadores de história, para recriar a tradição oral do narrador. Junto a isso, adicionam-se também os seus longos parágrafos, com períodos justapostos intercalados entre si, com um vocabulário menos conciso e extremamente detalhista. Um tradutor que opte por um linguajar mais simples e pelo uso do ponto de interrogação está cometendo um pecado gravíssimo com o autor. A sensação do leitor de Saramago ao lê-lo no original não será recriada para o leitor que não entende o português.

Umberto Eco (2007) levanta uma dúvida assaz pertinente na questão de como o tradutor deve se portar frente ao texto em que está trabalhando. A questão proposta pelo italiano problematiza se

uma tradução deve levar o leitor a compreender o universo linguístico e cultural do texto de origem ou deve transformar o texto original para torná-lo aceitável ao leitor da língua e da cultura de destino? Em outras palavras, dada uma tradução de Homero, o tradutor deve transformar os próprios leitores em leitores gregos dos tempos homéricos, ou deve obrigar Homero a escrever como se fosse um autor dos nossos tempos? (ECO, 2007, p. 201).

Eco (2007) apresenta as duas possibilidades: estrangeirizar o texto – manter a configuração original e apenas se limitar a traduzi-lo – ou domesticar a obra – torná-la mais simples para os leitores da língua de chegada. Em outras palavras, “Há apenas dois [métodos de tradução]. Ou o tradutor deixa o autor

isolado, o máximo possível, e leva o leitor até ele; ou o tradutor deixa o leitor isolado, o máximo possível, e leva o autor até ele”.¹

O tradutor e teórico da tradução em língua inglesa Lawrence Venuti diz que

Admitindo (com qualificações do tipo “o máximo possível”) que a tradução poderá nunca ser completamente adequada ao texto estrangeiro, Schleiermacher permite que o tradutor escolha entre um método domesticante, uma redução etnocêntrica do texto estrangeiro para os valores culturais da língua alvo, trazendo o autor até eles, e um método estrangeirizante, uma pressão estrangeirizadora naqueles valores para marcar as diferenças culturais e linguísticas do texto estrangeiro, mandando o leitor até ele.²

Britto (2012) versa sobre a dicotomia Schleiermachiana a respeito da domesticação e a estrangeirização dos textos. A primeira estratégia trata de simplificar e suavizar o texto para a sociedade leitora atual. Mudam-se as variáveis específicas da cultura, como sistemas de medida, correspondência entre os meses e as estações do ano, para conferir a obra um caráter cultural inerente à cultura alvo. Já a segunda hipótese busca transportar o leitor para o momento do original. Todos os elementos do texto são mantidos e em nada simplificados. O leitor brasileiro terá que aceitar que em janeiro e fevereiro neva na Europa, que o branco é uma cor de luto na China, que a velocidade nos Estados Unidos é expressa por milhas e a altura por pés, entre outras questões tipicamente culturais. O alemão ressalta que o tradutor pode usar qualquer uma das duas opções, entretanto, não pode haver meio-termo.

Britto (2012) concorda com o par de conceitos, porém, critica o desprezo ao caminho intermediário. Ele aponta situações nas quais ambas as abordagens

¹ There are only two [methods of translation]. Either the translator leaves the author in peace, as much as possible, and moves the reader towards him; or he leaves the reader in peace, as much as possible, and moves the author towards him” (Lefevere, 1977, p. 74 *apud* Venuti, 1995, p. 19-20) Minha tradução

²Admitting (with qualifications like “as much as possible”) that translation can never be completely adequate to the foreign text, Schleiermacher allowed the translator to choose between a domesticating method, an ethnocentric reduction of the foreign text to target-language cultural values, bringing the author back home, and a foreignizing method, an ethnodeviant pressure on those values to register the linguistic and cultural difference of the foreign text, sending the reader abroad (VENUTI, 1995, p. 20). Minha tradução.

não se apresentariam de modo ideal, a citar como exemplo uma tradução equilibrada entre a estrangeirização e a domesticação e outra radicalmente domesticadora, tudo isso se tratando da mesma obra. Por fim, ele estabelece situações-chave nas quais uma abordagem deve ser usada em detrimento da outra, mas não cita padrões normativos para isso. Em casos nos quais o prestígio do autor é alto, ou quando o texto se fará presente numa edição mais prestigiada, opta-se pela estrangeirização do texto, porém, se o texto se destinar ao público infanto-juvenil ou se fizer presente em um meio de grande circulação, optar-se-á pela domesticação. Hoje em dia, o tradutor usa mais a estrangeirização a fim de melhor respeitar as características do texto original.

A diferença entre os posicionamentos de Britto e Venuti, quando ambos abordam a dicotomia estrangeirização/domesticação, é que Venuti complementa a descrição do par de conceitos ao defender que

Schleiermacher afirmou que sua escolha era a tradução estrangeirizadora, e isso levou o tradutor e teórico da tradução francesa Antoine Berman a tratar o argumento de Schleiermacher como uma ética da tradução, preocupado em fazer do texto traduzido um lugar onde um outro cultural é manifestado – embora, claro, uma alteridade que nunca poderá ser manifestada em seus próprios termos, apenas naqueles da língua alvo, e portanto, sempre codificada de antemão. (Berman 1985: 87-91). O “estrangeiro” na tradução estrangeirizante não é uma representação transparente de uma essência que reside no texto estrangeiro e tem seu valor ensimesmado, mas uma construção estratégica cujo valor é contido na situação da língua alvo atual. A tradução estrangeirizante dá sentido à diferença do texto estrangeiro ao desconstruir os códigos culturais que prevalecem na língua alvo.³

³ Schleiermacher made clear that his choice was foreignizing translation, and this led the French translator and translation theorist Antoine Berman to treat Schleiermacher’s argument as an ethics of translation, concerned with making the translated text a place where a cultural other is manifested—although, of course, an otherness that can never be manifested in its own terms, only in those of the target language, and hence always already encoded (Berman 1985:87–91).⁹ The “foreign” in foreignizing translation is not a transparent representation of an essence that resides in the foreign text and is valuable in itself, but a strategic construction whose value is contingent on the current target-language situation. Foreignizing translation signifies the difference of the foreign text, yet only by disrupting the cultural codes that prevail in the target language (VENUTI, 1995, p. 20). Minha tradução.

III. Conclusão

A tradução está presente em nossas vidas desde os primórdios da civilização. O conceito de tradução sempre foi problematizado, desde a antiguidade até os dias atuais. Recentemente a tradução alcançou o posto de ciência independente, saindo das amarras que a prendiam à linguística aplicada. Embora não tivesse sido regulamentada como uma prática deveras importante do modo que ela é hoje em dia, aquelas pessoas capazes de traduzir sempre tiveram uma posição de destaque, e até mesmo um certo prestígio na sociedade da qual faziam parte.

Rónai, em sua conferência, tem o objetivo de salientar aos futuros tradutores que esse caminho não é tão simples como nos diz o senso comum. Ele diz que traduzir aprende-se traduzindo, ou seja, na prática. Enquanto tradutor literário e autor de livros sobre tradução, ele defende uma certa liberdade da prática em relação à teoria, pois a teoria não dá conta de todas as manifestações que podem ocorrer na prática.

O trabalho do tradutor, de acordo com o senso comum, é simplório: basta passar um discurso, seja ele escrito ou falado (no caso de intérpretes) de uma língua (língua fonte) para uma segunda língua (língua alvo). Para o mesmo senso comum, “traduzir é uma atividade fácil; bastaria conhecer alguma coisa da língua estrangeira e ter um bom dicionário bilíngue para se fazer uma tradução” (BRITTO, 2012, p. 43), uma posição bem semelhante àquela que Oustinoff rejeita. Muito se fala que qualquer pessoa bilíngue seria capaz de traduzir muito bem um documento, sem que haja a necessidade de um aprofundamento teórico para realizar essa tradução.

Britto propõe que deve haver uma mudança de perspectiva por parte do tradutor em relação ao seu trabalho: devemos encarar a nossa atividade como a mais complexa possível e, portanto, impossível de recriar um texto da mesma

maneira em outra língua. O senso comum não deve mais dominar nossas crenças a respeito da nossa tarefa. Precisamos valorizá-la para que sejamos valorizados no futuro. Desmistificar a falácia de que a tradução é uma das tarefas mais simples pode ser o começo da valorização do trabalho do tradutor.

Referências:

ARROJO, Rosemary. *Oficina de tradução. A teoria na prática*. 4ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.

BRITTO, Paulo Henriques. *A tradução literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

BELIZARIO, Edvaldo. *As armadilhas da tradução*. Revista Italiano UERJ, Rio de Janeiro, v.1, n.1. p.51-66. 2010.

ECO, Umberto. *Quase a mesma coisa*. (Tradução de Eliana Aguiar) Rio de Janeiro, São Paulo: Editora Record, 2007.

JAKOBSON, Roman. *Aspetti linguistici della traduzione*. In: - Saggi di linguistica generale. Milano: Feltrinelli, 1966.

OUSTINOFF, Michaël. *Tradução. História, teorias e métodos*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

RÓNAI, Paulo. *Cascas de banana no caminho do tradutor*. LETRAS. Curitiba v.34. 186-198, 1985, UFPR. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19306>

RÓNAI, Paulo. *Escola de tradutores*. Rio de Janeiro: Tecnoprint Gráfica S.A, 1968.

SCARPA, Federica. *La traduzione specializzata. Un approccio didattico professionale*. Milano: Editore Ulrico Hoepli Milano, 2008.

VENUTI, Lawrence. *The translator's invisibility. A history of translation*. London: Routledge, 1995.